

*revista de comunicação,
jornalismo e espaço público*

3

Periodicidade

Semestral

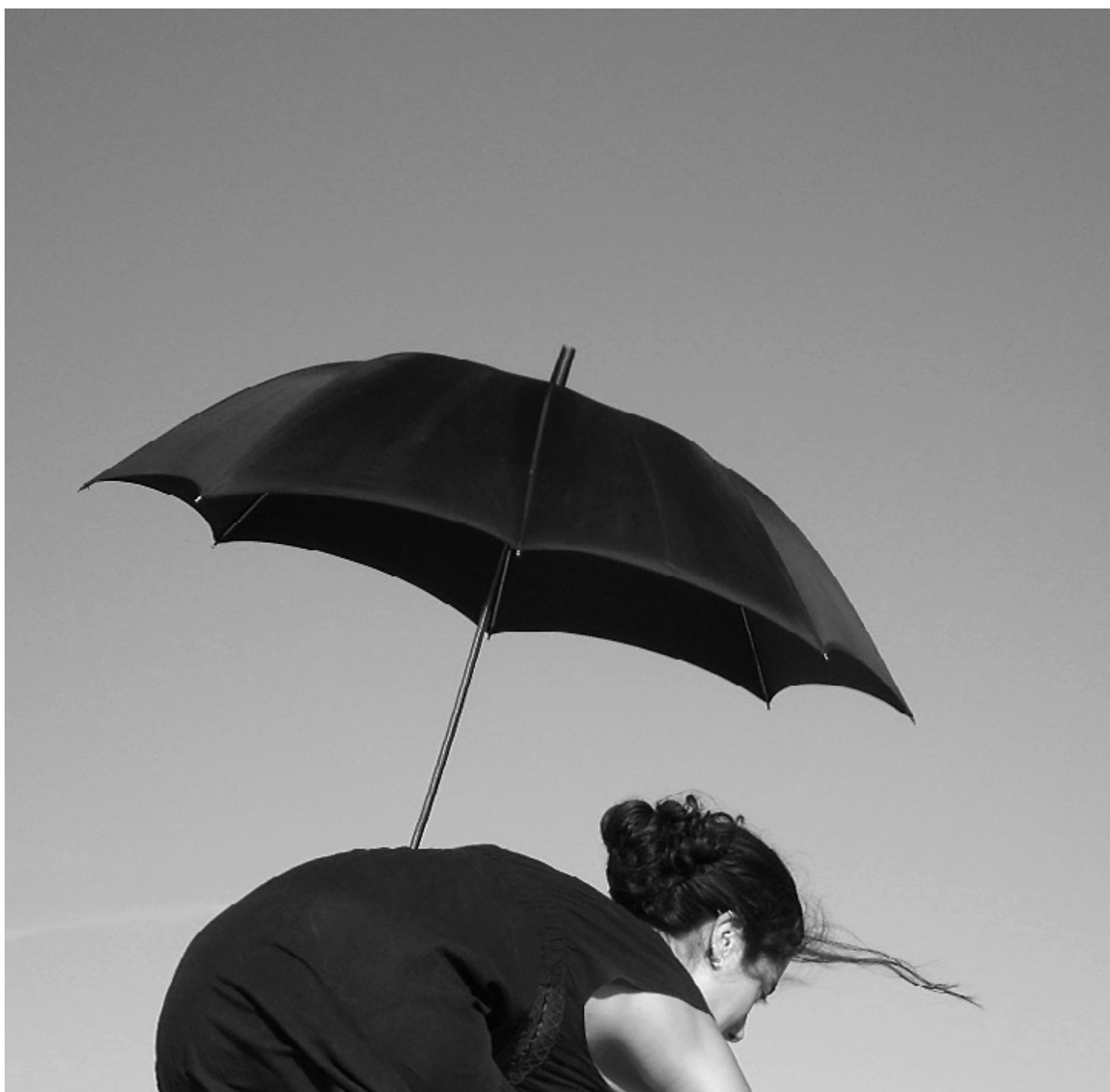
Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

mediapolis

tema

**o ensino do jornalismo
no século XXI**





INTRODUÇÃO

mediapolis 3

A missão da Universidade e o exercício do Jornalismo intersejam-se de uma forma clara em dois momentos: a investigação sobre o Jornalismo e a formação de jornalistas. Ambas assumem uma dimensão pública que apela a uma corresponsabilidade social a que nem o Jornalismo nem a Universidade se devem esquivar. Na perspectiva com que assumimos esta discussão, em causa está a responsabilidade que a Universidade e o Jornalismo têm para com os seus públicos, a responsabilidade para com a democracia e a responsabilidade para com o exercício dos cidadãos dos seus Direitos, Liberdades e Garantias consagrados constitucionalmente.

Se, de uma forma geral, as Ciências da Comunicação têm visto a sua investigação ser constantemente aprofundada e alargada, o mesmo não se pode dizer acerca dos estudos sobre a formação e o ensino do Jornalismo que, em resultado da sua especificidade e autonomia, surgem, tendencialmente, em contextos mais circunscritos, mais fechados e nem sempre suficientemente escrutinados. À autonomia científica e pedagógica de que dispõem, legitimamente, os

sistemas de ensino superior, junta-se também a autonomia socioprofissional do Jornalismo. Na perspectiva como a vemos, a autonomia destes dois campos são condição essencial da sua liberdade, mas também de exigência do desenvolvimento dos seus distintos pressupostos normativos de responsabilidade social.

Por essa razão, mas também por causa das diferentes lógicas económicas, culturais e sociais subjacentes a estes dois campos, a Universidade e o Jornalismo nem sempre criam o espaço de diálogo necessário à promoção de alianças em áreas que lhes são comuns. Por vezes, mesmo, disputam legitimidades, fecham-se e ignoram-se, privilegiando a resolução dos seus problemas específicos, em detrimento das suas responsabilidades coletivas. Acresce a este facto que as rápidas transformações verificadas nas últimas duas décadas impõem a urgência da atualização do debate público, socioprofissional e académico, face às novas questões comunicacionais carreadas pelas sociedades da comunicação e da informação.

Se essas novas questões implicam respostas distintas por parte da

Universidade e do Jornalismo, elas contêm também uma dimensão comum, nomeadamente na definição de perfis de formação e de investigação mais exigentes e de maior competência, consonantes com a complexidade e as transformações que se registam nos diferentes domínios do mundo contemporâneo. Que implicações devemos retirar do desenvolvimento das Ciências da Comunicação para o ensino do Jornalismo? Como poderá a formação responder às transformações do Jornalismo contemporâneo, nomeadamente aos novos saberes e às novas exigências do exercício da profissão? Quais os núcleos centrais do saber do jornalista do século XXI? Quais as áreas de autonomia do Jornalismo, por um lado, e da Universidade, por outro? Quais os novos domínios de necessária cooperação?

Sem este diálogo, nem o Jornalismo nem a Universidade poderão continuar a responder às exigências e expectativas sociais que decorrem das suas próprias responsabilidades específicas. Com base nestes pressupostos, o Grupo de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público (GICJEP) do Centro de Estudos Interdisciplinares

do Século XX (CEIS20) dedicou o seu III Congresso Internacional, realizado em 2014, ao tema do *Ensino do Jornalismo no Séc. XXI*, com o objetivo de debater algumas das problemáticas espoletadas por esta relação entre Academia e exercício da profissão. O tema do Congresso que dá também título ao presente número da *Mediapolis*, é um contributo da academia para este debate e para a definição do que Pedro Coelho considera ser a necessidade de uma “aliança estratégica entre Jornalismo e Academia”. Essa aliança passa, nomeadamente, pela necessária revisão dos planos curriculares, por uma maior dinâmica e abertura ao exterior por parte dos diretores/coordenadores dos cursos e pelo incremento de parcerias com empresas de *media*. Neste sentido, defende o autor o estabelecimento de pontes entre a Universidade e as redações, numa abordagem distinta dos que consideram que estamos perante “ramos da mesma árvore”. Pedro Coelho não deixa, mesmo assim, de observar que, no âmbito da referida “aliança estratégica”, a Academia se afirma “farol do jornalismo”, no sentido em que a indústria dos *media* precisa de

ser recuperada na sua credibilidade. Em todo o caso, defende que o atual contexto de organização das empresas, no qual é exercido o Jornalismo, exige, da parte das universidades, uma atitude nova (e mais comprometida) ao nível do ensino e das suas diferentes práticas pedagógicas.

Na mesma linha de pensamento, João Figueira propõe que o ensino do Jornalismo se repense a si próprio, no sentido de assumir práticas que se constituam como referências para um campo profissional em claro “processo de erosão”. Sob o título “O ensino do jornalismo em tempos de mudança ou como a Universidade deve suplantar o Super-Homem”, o autor reflete sobre as atuais fragilidades do Jornalismo e a sua submissão ao mercado, para se questionar acerca da validade dos quadros teóricos e referenciais em que o seu ensino está estribado, numa época de clara mudança de paradigma comunicacional, logo, também profissional. Daí defender que já não basta promover a problematização do Jornalismo. Do seu ponto de vista, é imperioso que a universidade seja capaz de “proporcionar as melhores condições para a sua aprendizagem

em exercício”, ao mesmo tempo que deve pôr os seus recursos “ao serviço das comunidades em que se situa e da cidadania de que nunca se deve afastar”.

Só assim, sustenta por seu lado Orlando César, será possível compreender “os quadros teóricos em que [o Jornalismo] opera”, de modo a que quem o ensina esteja mais bem apetrechado e identificado com o corpo de saberes que o seu exercício convoca. Sob o título “O ensino do jornalismo e as práticas profissionais: inscrever teorias manifestas com base epistemológica”, o autor começa por refletir sobre a função do Jornalismo e a atividade jornalística, em geral, para depois se focar na realidade portuguesa: “torna-se necessário conhecer e compreender as condições históricas, políticas, económicas e culturais que caracterizam as práticas jornalísticas em Portugal”, sublinha. O autor não deixa, todavia, de assumir uma posição, ao defender que “importa criar um programa de pesquisa teórica e metodológica, que tome em consideração a experiência do Jornalismo e confira um conhecimento analítico e formal aos atos jornalísticos”.

Em “O Ensino do Jornalismo no Século XXI: um desafio para as universidades e para os jornalistas”, Nelson Ribeiro explora a falta de ligação entre a Academia e os jornalistas enquanto fator que tem repercussões claras no estatuto simbólico da profissão e no próprio processo de profissionalização. Na opinião do autor, o desencontro entre estes dois campos resulta de uma responsabilidade partilhada quer pelos profissionais, quer pelos académicos. Refletindo sobre o papel das Universidades e os desafios com que se defrontam, constata que o modelo americano de ensino do Jornalismo foi paulatinamente sendo absorvido pela Academia Europeia, facto que merece uma séria reflexão, pois a matriz humanista continua a ser, para o autor, fundamental na preparação e ensino dos profissionais da área: “É que, não obstante todas as alterações tecnológicas, o essencial no ensino do Jornalismo continua a ser formar pessoas que sejam capazes de refletir sobre a realidade na qual atuam, que consigam escrever bem, que sejam capazes de transmitir mensagens de forma clara e concisa e que tenham igualmente a capacidade

de produzir conteúdos persuasivos de modo a captar a atenção dos públicos contemporâneos que vivem num ecossistema marcado pelo excesso de informação”.

Christian Delporte retoma esta problemática num artigo em que reflete sobre a utilidade e a indispensabilidade da formação em Jornalismo. O investigador da Universidade francesa de Versailles, Saint-Quentin-en-Yvelines, sublinha que o Jornalismo “também” deve ser entendido como um método intelectual baseado na mediação. Por essa razão, o mundo contemporâneo, apesar da profusão e da massificação da informação, está longe de anunciar o fim do Jornalismo. Pelo contrário: se qualquer um pode adquirir as técnicas e dominar os formatos mediáticos, nem todos serão capazes de os usar numa perspetiva de mediação. Nesse sentido, a formação em Jornalismo implica desenvolver o pensamento crítico e “não se contentar em fabricar mecânicos do pensamento”.

Precisamente no mesmo sentido vai o texto de Ana Teresa Peixinho “O contributo das humanidades para o ensino do jornalismo”. Começando

por descrever o cenário complexo de crise da profissão e sustentando o seu raciocínio em membros da Academia, a investigadora sublinha o valor das Humanidades na formação universitária dos jornalistas, como resposta aos desafios que atualmente se colocam ao Jornalismo. Questionando a pertinência de uma formação universitária ao nível de um primeiro ciclo de ensino (pós-Bolonha, entenda-se), e defendendo um modelo de formação pós-graduada, a autora sustenta ainda que uma formação universitária em Jornalismo tem de conseguir dotar os estudantes de um conjunto de saberes e competências que lhes permitam perceber a complexidade do mundo, nas suas dimensões multicultural, multilinguística, política e económica. No final, apresenta uma proposta concreta de um modelo de estudos, salientando áreas disciplinares das Humanidades e das Ciências Sociais que considera estruturantes no ensino universitário do Jornalismo.

João Carlos Correia reforça também esta componente humanística da formação de jornalista como algo que é intrínseco à própria história do Jornalismo. Recordando a este propósito

a proximidade entre as narrativas literárias e jornalísticas, o autor perspectiva-as no atual contexto mediático, considerando que o Jornalismo não pode ser entendido como um conjunto de saberes disponíveis num manual de instruções: pelo contrário, deve ser também o resultado do contacto sistemático com os conhecimentos proporcionados pelas Artes, Cinema, Design, Teatro, *Media Arts* e Literatura. Deste modo, sustenta, o jornalista do futuro não está circunscrito à fórmula “homem dos sete instrumentos” ou “gênio da Renascença”, de competência abrangente e enciclopédica. No seu entender, a prática quotidiana destes saberes “tem uma dimensão artesanal e de saber-fazer” que fará do jornalista um profissional que consegue reunir “algo de ambos”.

Esta abordagem poderá revelar-se tanto mais importante quanto as práticas jornalísticas se realizam em contextos e modelos económicos, que não só não podem ser descurados, como são mesmo apontados como determinantes para o futuro do Jornalismo. Assume neste quadro particular relevância a investigação realizada por Miguel Crespo, Catarina Foá e

*Por vezes, a
Universidade e o
Jornalismo nem
sempre criaram
o espaço de
diálogo necessário
à promoção de
alianças em áreas
comuns e das suas
responsabilidades
coletivas*

Gustavo Cardoso, em “Tendências, boas-práticas e inovação para o ensino do empreendedorismo no Jornalismo e nas indústrias criativas”. Neste artigo, os autores apresentam os resultados preliminares de um estudo alargado feito no âmbito do projeto de investigação CreBiz.eu, realizado por quatro universidades europeias. No contexto do tema que nos é apresentado, os autores dão especial atenção às noções e práticas de “empreendedorismo cultural” e de “jornalismo empreendedor”, ao mesmo tempo que sublinham a importância da cooperação e aprofundamento de experiências entre os mundos académico e empresarial.

Varia

No espaço *Varia* Adriano Duarte Rodrigues e Rita Basílio de Simões trazem dois contributos sobre questões relevantes da constituição do espaço público contemporâneo: o primeiro debruça-se sobre as formas contemporâneas de constituição da esfera pública; a segunda sobre as relações entre a Justiça e os *Media*.

No artigo “Condições e Dificuldades de Constituição da Opinião Pública”, Adriano Duarte Rodrigues ensaia

uma reflexão sobre as condições atuais de constituição do público, no quadro histórico desenhado quer por Hannah Arendt, quer por Habermas. Parte, porém, de uma premissa relevante que rompe com um certo consenso que, no campo das Ciências da Comunicação, se foi instituindo. Defende o autor, ao contrário de muitos outros, que a esfera pública não resulta nem é produto do funcionamento dos *media*, antes se constrói como permanente processo de interação, que envolve as pessoas e a sua vida quotidiana.

Por seu lado, convidando a refletir não tanto acerca das disjunções entre as lógicas dos *media* e da justiça criminal, mas sobre o que as aproxima, Rita Basílio de Simões desafia a

tradição das investigações neste domínio. Além de tornar clara a existência de influências e preocupações intelectuais comuns à investigação dos *media* e à da justiça criminal, realça a importância de recorrer a ambas para melhor compreender e superar as tensões entre os seus objetos de estudo.

Esta edição conta ainda com a colaboração de Andrea Inocência através do seu portefólio de imagens em que o Abismo e o Perigo são uma constante, suscitando o Risível – o Sarcasmo e a Ironia –, condições tantas vezes importantes no exercício do Jornalismo.

Carlos Camponez
Ana Teresa Peixinho
João Figueira